

Frejat culpa estrutura de saúde

criticado por classe médica

Faleceu às 24 horas desta sexta-feira o médico Jurandir Duque Cezar, em decorrência de infecção pós-operatória, agravada pelo fato do paciente ser diabético. O médico Jurandir, que era chefe de setor no Hospital Regional de Taguatinga, foi baleado no dia 26 de outubro pelo supervisor de vendas da Skol, Getúlio Carlos da Silva, por ter solicitado ao agressor que se retirasse do Pronto Socorro, onde a esposa deste estava sendo atendida.

Jofran Frejat, secretário de Saúde do Distrito Federal, demonstrando-se abalado com o fato, afirmou que este incidente, a par de inúmeros outros de menores proporções, é a consequência de notícias sensacionalistas divulgadas pela imprensa, colocando a população contra a classe médica: "Estas notícias têm contribuído de maneira bem acentuada para que indivíduos emocionalmente instáveis pratiquem atos insanos como este", afirmou ele.

"E a troco de que tudo isto?" pergunta Jofran Frejat. "A imprensa vem criticando a classe médica como se fôssemos os responsáveis por toda esta estrutura de saúde do país, quando somos as vítimas da massificação do atendimento, que faz com que um médico seja obrigado a atender 40, 50 pacientes por dia. Com tudo isto, será possível que queiram que recebamos a todos com um sorriso nos lábios, como se fôssemos aeromoças?"

Para ele, compete à imprensa denunciar a estrutura de saúde do país, mas não colocar a população contra a classe médica, mesmo porque é a própria população que passa a ser a grande prejudicada quando numa situação de tensão, como agora, os médicos até se mostram receosos de atenderem nos Pronto-Socorros, em vista da agressividade de pacientes.

"O grande perigo é que a medicina é ciência da qual não se pode prescindir", lembra Frejat.

"Os hospitais" — continua — "tornaram-se o receptáculo de toda uma problemática social, sendo o médico o anteparo de todas as reclamações da população. Um problema como desidratação, por exemplo, causado por desnutrição e condições de higiene inadequadas, deságua no hospital, mas tem por detrás todo um problema de estrutura social que não é levado em conta por quem denuncia. Por outro lado, podemos, pelo nosso próprio código de ética, fazer publicidade de nossos acertos. Antigamente, os hospitais eram a antecâmara da morte; o paciente que nele entrasse vivo, saía quase sempre morto, mas embora esta situação tenha mudado, só se informa o que existe de ruim, nunca quantos pacientes conseguimos salvar da morte".

FHDF: concurso

O debate sobre Saúde no Distrito Federal está aberto. O Núcleo Pró-Associação dos Sanitaristas, o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde e o Sindicato dos Médicos do DF, associações de classe do Distrito Federal, encaminharam ao secretário de Saúde do GDF, Jofran Frejat, um documento no qual demonstram estranheza pela forma como vêm sendo abordadas as questões de Saúde no Distrito Federal.

Segundo o documento, quando da realização pela Fundação Hospitalar do Distrito Federal de um concurso para médico sanitário, « pensou-se na abertura de um espaço novo na estrutura de Saúde do Distrito Federal, mas tal não veio a acontecer ».

Para as entidades, o que aconteceu realmente foi uma série de equívocos durante o processo de realização do último concurso para médico sanitário. Entre eles, « a não divulgação oficial, até o momento, do número de vagas, funções e locais de trabalho existentes ».

As associações afirmam no documento que o programa proposto, na forma de bibliografia, « está desatualizado, pois é constituído de publicações das décadas de 50 e 60, que estão dissociadas da realidade regional atual ».

DISPARIDADE

« Se comparado com os programas dos últimos concursos públicos realizados no Brasil » — afirmam — « é marcante a disparidade de conteúdo, pois, nesse concurso, além das distorções já apontadas anteriormente com relação à bibliografia, observou-se um apego arcaico a conceitos epidemiológicos; má formulação de várias questões gerando interpretações diversas e dubiedades de respostas; questões sobre datas, nomes de inventores e descobridores e dados estatísticos isolados, irrelevantes e defasados para a realidade sanitária regional e do país ».

O Núcleo Pró-Associação dos Sanitaristas, o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde e o Sindicato dos Médicos, afirmam ainda que essa situação « se insere dentro de um contexto que reflete a distorção verificada na política de Saúde do Distrito Federal, a qual se evidencia na área de saúde pública que, por sua abrangência, impõe uma definição de diretrizes voltadas para as reais necessidades da população ».

POSTOS

A política de saúde do Distrito Federal, dizem as entidades, deveria dar prioridade às atenções primárias e secundárias de saúde, « a nível de postos e centros de saúde », onde seria buscada maior racionalidade e acessibilidade aos serviços.

O documento diz, ainda, que essa política já é adotada em várias unidades da Federação e recomendada pelos organismos nacionais e internacionais da área de saúde. E afirmado, também no documento, que no Distrito Federal não existe uma definição quanto a uma política de saúde concretamente voltada para a realidade local e que atenda às necessidades da população.